

## Por uma Ciência Econômica pluralista: os movimentos acadêmicos como uma saída

Maísa Goulart (UNICAMP)<sup>1</sup>

Ramón García Fernández (UFABC)<sup>2</sup>

Solange Regina Marin (UFSC)<sup>3</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar as propostas dos movimentos acadêmicos que procuram desenvolver uma ciência econômica mais aberta, tomando como base a discussão em torno do pluralismo das abordagens em Economia, desde a formação de algumas associações com esse objetivo até sua organização na atualidade. Parte-se do pressuposto de que a evolução da disciplina nas últimas décadas levou à constituição de uma corrente majoritária – o *mainstream* – pouco disposta a dialogar com outras visões, situação que se perpetua na atualidade, e que também está refletida nas políticas econômicas adotadas em muitos países. Visando contribuir para a abertura do ensino e pesquisa em Economia, o trabalho tem o intuito de apresentar a evolução e a situação atual dos movimentos que defendem uma abordagem pluralista, tais como a *International Confederation of Associations for Pluralism in Economics* (ICAPE), o *Institute for New Economic Thinking* (INET), o movimento da *Post-Autistic Economics* (PAECON) e a *World Economics Association* (WEA).

**Palavras-Chave:** Movimentos Acadêmicos; Pluralismo; Ciência Econômica.

**Classificação JEL:** B40 – B59 – A14

Trabalho submetido para avaliação no XXIII Encontro Nacional de Economia Política.

Área I: **Metodologia e história do pensamento econômico.**

### 1. Introdução

Uma tradição intelectual importante vem criticando faz décadas a atitude de pensar a ciência econômica como uma física social em termos de uma *'hard Science'*, posição esta que almeja uma homogeneização da pesquisa e do ensino em Economia. A insatisfação com essa atitude do *mainstream*<sup>4</sup> econômico por parte de alguns economistas, de outros cientistas sociais e do público em geral revigorou-se desde que a crise de 2008 tomou conta das preocupações do mundo, dado que a

---

<sup>1</sup> Doutoranda no programa de pós-graduação em Ciência Econômica do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>2</sup> Professor titular da Universidade Federal do ABC, atua nos programas de pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais e em Economia dessa universidade.

<sup>3</sup> Professora adjunta do programa de pós-graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>4</sup> Os termos *mainstream*, ortodoxo e neoclássico são usados neste trabalho em forma intercambiável, como referência à posição teórica dominante em economia. Estamos cientes de que esses termos podem ter implicações diferentes, conforme desenvolvido por Colander (2000) e Dequech (2007), entre outros, mas para os objetivos deste trabalho a sinonímia é aceitável, especialmente porque a crítica do movimento pós-autista se dirige ao conjunto da perspectiva que é denominada por esses três termos por diferentes pessoas em diversas circunstâncias.

própria possibilidade de ocorrência de crises tinha sido excluída da teoria dominante. Entretanto, a crise foi responsável por promover novas reflexões e dar fôlego ao debate e aos movimentos questionadores que já existiam. Algumas reações na ciência econômica contra o domínio dessa visão única já haviam levado, anteriormente, à criação de associações que questionam o domínio do *mainstream*, as que foram ainda mais estimuladas por tamanha crise. Esse processo reabriu algumas discussões marginalizadas, geralmente restritas às abordagens consideradas heterodoxas, ao mesmo tempo em que permitiu promover debates que questionam a forma com que são conduzidos o ensino e as pesquisas em Economia<sup>5</sup>. Estes questionamentos quase sempre são feitos desde uma perspectiva pluralista, muitos deles promovidos por diversas entidades fundadas nos últimos 25 anos.

Esses movimentos surgiram em paralelo à adoção de posturas críticas por alguns economistas amplamente reconhecidos pelo *mainstream*, tais como Joseph Stiglitz, Deirdre McCloskey, Amartya Sen, Daniel Kahneman e outros que se somam às vozes dissidentes das diversas escolas heterodoxas. Todos eles advogam a favor da reformulação do ensino e a pesquisa em economia, para restabelecer a conexão entre a teoria e a realidade, o que exige que a ortodoxia ceda espaço às correntes excluídas. Isso promoveria não apenas a abertura de um espaço maior para a heterodoxia em nossos dias, mas permitiria também constituir o pluralismo das abordagens em Economia. Estes movimentos representam, em geral, uma aproximação de pessoas que reivindicam mais espaço para as correntes marginalizadas, pois entendem que, dadas as limitações de todas as correntes, a coexistência de múltiplas teorias se constitui na única alternativa desejável para o avanço do conhecimento em Economia.

No espírito de contribuir para o desenvolvimento de uma atitude pluralista em Economia, promovendo um relacionamento mais produtivo entre os praticantes desta ciência, que constituem “tribos de origem comum”<sup>6</sup>, este artigo apresenta o contexto da constituição, as ideias centrais e a

---

<sup>5</sup> A crise de 2008 certamente serviu para dar ânimo aos adversários do *mainstream*. Todavia, pode se pensar que a ortodoxia econômico-financeira conseguiu se recompor rapidamente. Já em 2011 Roberto Grün afirmava que “Passados quase três anos, assistimos a um remake do filme tradicional: os bancos e casas de investimentos internacionais voltam a pagar bônus enormes aos financistas ainda que os críticos na imprensa, na esfera política e na academia, condenem essa prática e a considerem não só imoral como responsável pela própria crise. E esses mesmos atores ‘críticos’ que acabam constatando com ar de desolação que nada nem ninguém podem impedir o fato” (Grün, 2011, p.321).

<sup>6</sup> Usamos aqui uma expressão empregada por Axel Leijonhufvud em seu “Life among the Econ” (1973), artigo que virou um clássico moderno em economia. Ao construir uma crítica em tom irônico, o autor, numa paródia dos relatos dos etnógrafos ao descreverem tribos pouco conhecidas, apresenta, os economistas (a tribo dos “Econs”) como pessoas arrogantes que, apesar de serem habitantes de uma região desolada e inóspita, não aceitam o relacionamento com as outras “tribos” (as demais ciências sociais), tornando-se completamente isolados e de difícil diálogo com os vizinhos a despeito de sua origem comum. O autor diz que “Embora as tribos tenham uma origem comum, são delicadas as relações entre elas. A desconfiança e o desdém com que o Econ mediano encara seus vizinhos é ardorosamente retribuído por eles – que também não morrem de amores pelos Econ. As relações sociais entre as tribos acham-se bloqueadas por numerosos tabus. O extremado espírito de clã (para não dizer xenofobia) dos Econ torna dura a vida em sua tribo – e a torna um tanto perigosa para os estrangeiros.” (LEIJONHUFVUD, 1973, p.169-170). O texto também

situação atual de alguns dos movimentos acadêmicos criados em favor do pluralismo das abordagens em Economia.

A segunda seção apresenta, como referencial teórico, a discussão sobre as possibilidades, o alcance, os benefícios e eventuais desvantagens do pluralismo em Economia. A terceira seção, por sua vez, está dividida em três partes, cada uma das quais estuda uma associação ou entidade que defende o pluralismo das abordagens em Economia: a) *International Confederation of Associations for Pluralism in Economics* (ICAPE); b) *Institute for New Economic Thinking*; c) *Post-Autistic Economics* em conjunto com a *World Economics Association* (WEA). Por fim, são analisadas as características comuns desses movimentos, relacionando-os à necessidade iminente de reformular o ‘*fazer científico*’ da Ciência Econômica, em prol da formação de um ambiente mais interdisciplinar e pluralista que favoreça a reconexão entre teoria e realidade.

## 2. O pluralismo das abordagens em Economia

Para argumentar a favor do pluralismo em Economia, podemos começar lembrando que os fatos econômicos, por sua complexidade e por sua interligação com fatores históricos, políticos, sociais, institucionais e ideológicos (para não falar nas questões comportamentais/psicológicas ou mesmo culturais e antropológicas dos agentes econômicos) podem (ou talvez devam) ser tratados sob diferentes perspectivas analíticas para permitir sua melhor compreensão.

Ana Maria Bianchi (1992) argumenta nesse sentido em prol do pluralismo:

De um modo geral, a ideia de pluralismo, [...], assenta-se na concepção da validade moral da autonomia e multiplicidade dos grupos sociais, ou seja, nos méritos de uma sociedade dinâmica e diversificada. Quando se fala em pluralismo, entende-se uma doutrina que é, por sua própria natureza, avessa ao totalitarismo e ao dogmatismo dos modelos únicos. (BIANCHI, 1992, p.139)

O objetivo dos movimentos apresentados neste artigo, além de representarem a busca da construção de uma ciência econômica mais plural, também constituem um apelo pela recuperação do caráter social da Economia, cujas competências dialogam com outras disciplinas da mesma área, tais como sociologia, psicologia, história e filosofia entre outras, constituindo mais um argumento em favor da interdisciplinaridade. Como sugere González Casanova (2006, p.18): “A economia dominante, (...), tendo em sua origem fortes vínculos com as ciências políticas e sociais, cortou esses

---

apresenta críticas ao relacionamento, dentro da tribo dos Econs, de suas diversas “castas” (macroeconomistas, microeconomistas, econométricos e especialistas em desenvolvimento) mostrando o quanto é difícil o convívio entre os próprios economistas. O autor, por fim, também assume uma postura crítica e contrária à teoria neoclássica como *mainstream* em economia, considerando que a utilização excessiva das técnicas matemáticas e o dogmatismo inerente a esse processo acabam por excluir ou marginalizar as outras correntes teóricas em economia

vínculos com a suposta pretensão de se parecer com a física mecânica, e assim perdeu todo o rigor”. Como ressalta Sen (1999), a Economia tem origem na Ética (preocupação com os fins humanos) e na Engenharia (preocupação com questões logísticas), cada qual com seu poder de persuasão. Porém, com a evolução da economia moderna ocorreu o distanciamento da abordagem ética (SEN, 1999, p. 23).

Mäki (1997) ilumina os debates sobre pluralismo quando apresenta a importância de diferenciar, conceitualmente, o pluralismo da pluralidade. A diferença entre essas concepções sugere que pode haver pluralidade sem pluralismo: o que parece ser um cenário próximo do que a ciência econômica atravessa.

O conceito de pluralismo é complexo e muito debatido. Conforme Fernández (2011), pluralismo é um conceito normativo, enquanto que pluralidade é um conceito descritivo. Pluralidade significa a existência de múltiplas e distintas opiniões; pluralismo, em contrapartida, é um conceito normativo, que diz que a existência dessa pluralidade é algo desejável. A pluralidade descreve a existência de várias posições sobre as mesmas questões, enquanto que o pluralismo aponta que a existência das diversas posições são características desejáveis no meio científico (MÄKI, 1997). O pluralismo, enquanto conceito valorativo, afirma e defende que a existência de pluralidade é algo benéfico para o desenvolvimento científico<sup>7</sup>.

Considerando a economia como um espaço de pluralidade, de diversidade de teorias e de métodos, é importante ressaltar que esse não parece ser um fenômeno exclusivo desta ciência, sendo válido também para as ciências naturais; todavia, nas ciências sociais a pluralidade é central.

O pluralismo considera que há sérios limites, relacionados ao falibilismo, ao se afirmar que uma determinada teoria seja verdadeira:

Na epistemologia contemporânea o pluralismo é uma consequência inevitável em quase todas as correntes de pensamento. Esse conceito supõe outro prévio, o de falibilismo. Basicamente nos vemos obrigados a aceitar o pluralismo de teorias e métodos a partir da constatação de que a verdade não se obtém ou de que não é possível provar os enunciados mais interessantes das teorias, as leis científicas. (SCARANO,2005, p.2)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Sen (2004) reconhece a heterogeneidade da Economia como objeto de estudo e a diversidade de nossas preocupações, motivações e objetivos. O objeto de estudo da Economia inclui três exercícios inter-relacionados: prever o futuro e explicar causalmente eventos passados, escolher descrições apropriadas de estados e eventos no passado e no futuro e prover avaliação normativa de instituições e políticas. Para Sen (2004), a economia preditiva está interessada tão somente no primeiro e a metodologia da economia tem que admitir diversidade suficiente para ser hábil para tratar das outras questões: “A diversidade da disciplina de Economia deve ser mantida com firmeza para alcançar um adequado controle das questões metodológicas que estão na base do assunto” (SEN, 2004, p. 585).

<sup>8</sup> Trecho originalmente em espanhol. Todas as versões traduzidas dos originais são de nossa responsabilidade.

O conceito de falibilismo foi popularizado por Popper<sup>9</sup>, e a associação do mesmo com o ideal pluralista vai além da questão puramente lógica, dado que acentua a necessidade de debate e diálogo para o desenvolvimento científico, como expõem Schorn e Falkenbach (2010):

O falibilismo é um processo dedutivo de verificação, chave metodológica para a abertura do conhecimento e da produção científica à crítica; com ele, a objetividade científica está firmada na disposição a exercer e aceitar crítica e, por esse caminho, perseguir a verdade. Essa forma de racionalidade distingue ciência e não-ciência pela atitude crítica no aprendizado com a experiência. (SCHORN e FALKENBACH, 2010, p. 39)

O conceito também foi trabalhado por Marin (2008) ao pontuar que “por falibilismo se entende que não existe certeza do conhecimento ou verdade, pois todo conhecimento é conjectural e, por abordagem crítica, ele [Popper] quer demonstrar o que justamente foi denominado de racionalismo crítico.” (p.82).

O problema lógico que envolve o falibilismo tem relação com a impossibilidade de supor que um evento seja contínuo e válido, em ocasiões variadas e em situações futuras. No entanto, não se presta a uma defesa em prol do abandono da racionalidade devido à impossibilidade de ‘ter certeza’: muito pelo contrário, a postura valoriza o debate e o diálogo crítico como forma de não abandonar as raízes racionais, inerentes ao processo de desenvolvimento científico.

Considerar o pluralismo como uma alternativa que permite promover o avanço do conhecimento em Economia não é uma ideia nova e, mesmo que em alguns momentos tenha sido deixada de lado, nunca deixou de fazer parte dos debates entre os economistas. Acrescenta-se, também, que a reflexão sobre a metodologia da ciência econômica iniciou-se ainda antes. Neville Keynes (1917, p.12) e Blaug (1993, p.16) a atribuem essas preocupações, inicialmente, a Nassau W. Senior e John Stuart Mill. Por sua vez, a defesa de algum tipo de pluralismo em Economia começa no trabalho de John Neville Keynes (1917), escrito no final do século XIX, em um contexto em que havia uma disputa por espaço dentro da ciência econômica inglesa, entre a escola (neo)clássica e a escola histórica<sup>10</sup> (BIANCHI, 1992). É evidente que essa disputa se associa a um debate ainda mais antigo e inconclusivo sobre a questão da dedução *versus* a indução em ciência. Foi nesse contexto que

---

<sup>9</sup>Para mais detalhes, ver Popper (1993) [1934], e (1997) [1982], bem como Marin e Fernández (2004).

<sup>10</sup>Essa polêmica reflete uma anterior no mundo de língua alemã (por isso ficou conhecida como *Methodenstreit*, ou Batalha dos Métodos) entre Gustav Schmoller e Carl Menger, representando respectivamente a Escola Histórica Alemã e a Escola Austríaca. Como esclarecimento acerca das questões teóricas por trás da batalha dos métodos, Bianchi (1992, p. 136) coloca: “de um lado, coloca a economia clássica inglesa, na tradição de Smith-Ricardo-Mill-Senior-Cairnes-Bagehot, que encontraria em 1890, nos *Principles* de Marshall, um tratado antológico. O método preconizado pelos ingleses definia-se como positivo, abstrato e dedutivo, ou seja, a construção teórica assentava-se em princípios a priori. (...) De outro lado, colocava-se a escola histórica alemã, crítica e contestatária em relação ao domínio inglês, a que N. Keynes se refere às vezes como ‘escola nova’. Seus adeptos propunham um método fortemente assentado no raciocínio indutivo, bastante influenciado pela história e com enfoque interdisciplinar”.

Neville Keynes iniciou a reflexão sobre se havia necessidade de eleger um único método, concluiu que os dois poderiam coexistir: “Se a pura indução é inadequada, a pura dedução é igualmente inadequada. O erro de colocar esses métodos em oposição mútua, como se o emprego de qualquer um deles excluísse o emprego do outro, é infelizmente muito comum” (KEYNES, 1917, p. 172).

A partir dessa afirmação, que é uma dentre as muitas de Keynes sobre a temática, é razoável pensar que haja alguma inclinação em defesa da coexistência de teorias – ou metateorias –, como sinônimo de avanço científico. Sua proposta ficou conhecida na literatura como ‘falácia do método exclusivo’ (BIANCHI, 1992) ou como ‘proto-pluralismo’ (BORBA, 2013).

A partir do trabalho pioneiro de Neville Keynes acerca do pluralismo, outros autores como Bruce Caldwell (1982) e Sheila Dow (2004) trabalharam as implicações deste conceito, em especial para que a crítica (muito comum) nivelando a aceitação da existência de ideias divergentes comum a falta de quaisquer critérios tivesse seus fundamentos refutados. Bianchi (2010), em uma breve recuperação sobre a história da metodologia econômica e a busca ávida por critérios de demarcação, observa que:

(...) a busca de um conjunto único de regras metodológicas, capaz de diferenciar definitivamente a boa da má ciência econômica, revelou-se um empreendimento frustrado. Concordo assim inteiramente com Hands (2001), quando este afirma que não há um “kit metodologia” na prateleira, pronto para ser utilizado pelo pesquisador. Gostemos ou não, essa versão de uma metodologia baseada em regras fixas e de aceitação universal, qualquer que seja seu conteúdo específico, não se coloca mais como meta para o estudioso. Depois de uma temporada em que bebeu avidamente nas fontes da metodologia científica, ao eleger como figuras centrais de sua demanda de resposta autores como Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lákatos, o metodólogo da economia concluiu que era vã a tentativa de encontrar um algoritmo capaz de definir padrões absolutos e iluminar a escolha da melhor teoria. (BIANCHI, 2010, p.2-3)

Em linhas gerais, a proposição de Caldwell (1982) teve importância para o desenvolvimento e aceitação do pluralismo. Nessa obra, ele sugere o que é conhecido como “pluralismo metodológico” (que ele posteriormente passaria a chamar de ‘pluralismo crítico’, veja-se Caldwell, 1989), proposição que recupera as ideias do racionalismo crítico preconizado por Popper, com o objetivo de esquivar-se da eventual anarquia que poderia ser provocada pelo pluralismo. Entende-se que Caldwell (1982) elencou pontos para evitar uma desorientação referente às regras e que, em linhas gerais, preocupou-se com a necessidade de dar espaço ao “novo” dentro da Economia, o desejo de que existam críticas livres de dogmas e, conforme a sugestão de Bianchi (1992, p.140), “diminuir a incomensurabilidade entre teorias e promover o diálogo entre diferentes programas de pesquisa.” Em outras palavras, a ideia de dar espaço à novidade dentro da Economia está ligada à atenção que não é comumente dispendida às teorias novas com metodologias alternativas e possivelmente antagonicas às existentes.

Sheila Dow (1997), preocupada com a impossibilidade lógica de se garantir o acesso à verdade por meio de uma teoria científica, compreende que existem enfoques complementares e, assume como postura ética a noção de aceitação de teorias incomensuráveis, mesmo que o faça em tom mais próximo da teoria keynesiana e em crítica ao *mainstream*<sup>11</sup>.

A prática do pluralismo está muito relacionada a um compromisso ético por parte dos economistas e à reformulação do modo de pensar da comunidade científica em prol de um posicionamento menos dogmático, que promova novas teorias e fomente a existência/criação de novos programas de pesquisa. É importante considerar que, dada a realidade complexa da Economia, cada teoria é capaz de lançar luz sobre uma parcela da realidade. Por sua vez, devemos entender que existe uma multiplicidade de perspectivas, e que cada uma tem, inclusive, muitas nuances, como afirma Denis (2013):

Para ilustrar: assim como {existe} a família de pensamento dos neoclássicos (...)há uma constelação de escolas heterodoxas, incluindo pós-keynesianos, marxistas, austríacos, institucionalistas. [...] Há muitas economias: muitas ciências, muitas práticas, muitas visões e paradigmas econômicos – esse é um simples fato que nós temos que reconhecer e lidar com ele.(DENIS, 2013, p.91)

Permitir, especialmente, aos estudantes de graduação em Economia um ensino amplo e constituído por abordagens variadas seria um passo fundamental para que o pluralismo virasse uma realidade, mostrando de forma não dogmática o leque variado de correntes -intrínseco à ciência econômica - e concedendo a possibilidade aos futuros economistas de serem apresentados às diversas escolas. O maior acesso a essa diversidade permite, da ótica pluralista, efetuar uma composição das várias análises consideradas em conjunto, complementares ou, às vezes, antagônicas; mas isso sempre deve ocorrer por meio de um debate enriquecedor, promovendo a proliferação de teorias e contribuindo para uma caminhada oposta à que decorre do dogmatismo.

Fullbrook (2003, p.55-56) elenca cinco pontos necessários para o ensino plural de Economia:

1. “A vida econômica é complexa, e alguns elementos são mais fáceis de compreender que outros. Ninguém pode saber tudo sobre bilhões de ações e transações que constituem isso [a vida econômica].
2. Qualquer investigação sobre a realidade econômica tem que selecionar quais atividades pretende investigar, o quão longe e qual direção traçar suas causas e as condições necessárias e como alcançá-las: qual linguagem, identidades, categorias, coletivos e simplificações empregar. A finalidade que você espera dar ao conhecimento – ou se é dirigido por

---

<sup>11</sup>Dow (2004) manifesta essa atitude em sua obra como pesquisadora, e dessa maneira seus desenvolvimentos em teoria macroeconômica buscam englobar e reconstruir argumentos das mais diversas escolas,

curiosidade, os aspectos do assunto que lhe interessam – deve se juntar com as considerações técnicas no momento de moldar suas seleções. Essa é outra forma de dizer que os valores e propósitos sociais podem moldar as pesquisas. Pelo menos alguns desses valores e propósitos podem ser controversos (porque não há sociedades perfeitamente unânimes). Então,

3. Suas descobertas são tão controversas quanto os valores e propostas que incorporam à pesquisa. Isso não implica que eles devem ser falsos, ou que conclusões diferentes sobre assuntos similares devem, necessariamente, contradizer uma à outra.(...) As contradições só se estabelecem se uma das partes (os neoclássicos, nesse caso) insistem que a deles é a única análise verdadeira ou a única política viável e que os outros devem estar enganados (pode haver também, obviamente, qualquer quantidade de mentiras, argumentos irrelevantes, pouca praticidade ou engodo deliberado em estudos feitos por investigadores menos competentes).
4. Que as democracias que valorizam a liberdade de pensamento e de expressão e o acesso ao governo para expressar interesses e opiniões conflitantes devem encorajar a discordância e amplitude em sua educação econômica.
5. Nas democracias que dão status de especialista aos seus cientistas sociais, há relações críticas entre o interesse próprio e a pesquisa desinteressada, tanto entre os grupos como nas mentes individuais. É importante que essas relações sejam reconhecidas e compreendidas a ponto de serem estudadas no processo de formação dos economistas.”

É possível defender que o pluralismo não reflete uma postura meramente relativista:

Pluralismo não significa que “vale tudo”. Anarquismo metodológico significa a tirania dos fortes e os mais fortes geralmente estão no poder. Assim, apesar das aparências, o preceito de “vale tudo” é, em última instância, conservador. Em contraste, a política de pluralismo acadêmico constitui um desafio implacável, tanto para a ortodoxia quanto para a heterodoxia. Devemos reconhecer o valor imenso e duradouro do pluralismo dentro da disciplina sem abandonar a precisão e o rigor em nosso próprio trabalho. (FULLBROOK, 2008, p.146)

O que se propõe é uma atitude, ou uma postura ética, mais aberta e crítica, fazendo disso um hábito enriquecedor, promovendo o diálogo e os critérios racionais. Tal postura levaria “ao surgimento de uma ciência econômica melhor e mais útil do que a que existe hoje.” (FERNANDEZ, 2011, p.150). Acreditamos que é imprescindível uma atitude pluralista para o enriquecimento da ciência econômica. Para Scarano (2005), a postura de Sheila Dow é elucidativa:

Cada escola de pensamento tem uma maneira específica de avaliar as teorias compatíveis com sua visão de mundo. Portanto, as diferenças entre os critérios para avaliar teorias não pode ser resolvida. No entanto, Dow sustenta que a ausência de um único conjunto de critérios de avaliação de teorias não impede a discussão de teorias alternativas e, em alguma medida, até comparações entre elas. (SCARANO, 2005 p.5)



Tal posicionamento é ainda mais rico ao se considerar que esse escopo vai além de uma ciência social aplicada em particular, como a Economia: há espaço para o pluralismo nas mais diversas áreas do conhecimento humano, como proposto por Fernandez (2011, p. 147):

Em realidade, a superioridade do pluralismo como atitude metodológica não é uma particularidade da economia. Em princípio, poderíamos pensar que a única atitude compatível com a defesa de uma sociedade democrática é permitir que diferentes vozes se manifestem, o que valeria para a ciência como conjunto e para cada uma de suas disciplinas em particular. Por isso, se não temos respostas 100% garantidas, o importante é deixar que todo mundo fale.

O ideal do pluralismo pode ser procurado com diferentes níveis de intensidade. Dobusch e Kapeller (2012) sugerem a existência de três tipos de pluralismo. O primeiro deles, denominado por esses autores como “egoísta”, seria um pluralismo de compromisso e transitório; nesse caso, as pessoas aceitariam temporariamente a pluralidade de abordagens não por convicção, mas pela falta de força para imporem a perspectiva que julgam correta, qual seja, a própria. Obviamente, a defesa do pluralismo procura algo mais substantivo em termos éticos. Todavia, os autores sugerem que podem existir outros dois tipos de pluralismo que não caem nessa armadilha. O segundo dos três seria o pluralismo desinteressado, caracterizado pela simples coexistência de visões, situação na qual cada um cuidaria de suas atividades tolerando e ignorando o que os demais estão fazendo. Sem dúvida, essa situação é melhor do que a atual, mas os autores não a acham suficiente e defendem uma terceira, a qual denominam como pluralismo interessado. Nessa situação, um avanço ético que mereceria ser procurado, as pessoas se esforçariam por alcançar “[u]ma interação construtiva entre as diferentes tradições teóricas para produzir um conjunto melhorado e expandido de explicações relevantes” (2012, 1043).

Com os argumentos recuperados, a noção conceitual de pluralismo<sup>12</sup> tanto como postura ética como quanto abordagem teórico-metodológica foi apresentada, incluindo a diferenciação entre pluralidade e pluralismo. Todavia, é preciso pontuar que ainda há muitas lacunas sobre o pluralismo que precisam ser preenchidas, como afirma Davis (2007):

O pluralismo como visão de interação profissional em pesquisa e pedagogia adquiriu um acompanhamento crescente na economia, em primeiro lugar entre os economistas heterodoxos, mas também agora também entre os principais economistas associados às novas abordagens de pesquisa no campo. Ao mesmo tempo, o debate e a discussão

---

<sup>12</sup> Acreditamos ser prudente, no entanto, elucidar que o pluralismo das abordagens em economia recebeu, em diversos momentos, críticas severas – que não são o escopo central deste trabalho, mas devem ser citadas. As principais críticas partem de entender o pluralismo como uma posição interina na economia, ou seja: a adoção do pluralismo somente se justificaria em momentos de transição entre paradigmas ou, nos termos kuhnianos, de crise científica. Davis (2008) explicita que, apesar de ele mesmo prescrever o pluralismo das abordagens para a economia, sua análise leva em consideração a história do pensamento econômico, o que o leva a afirmar que a tendência é que a dicotomia entre ortodoxia e heterodoxia permaneça, mesmo que o que conhecemos atualmente como ortodoxia mude. Ou seja, o pluralismo continuaria em uma posição interina. Acreditamos que essa questão poderia ser tratada ao considerar o pluralismo como uma postura ética a ser adotada pelos pesquisadores, bem como à medida que a noção sobre os benefícios que o pluralismo possibilita ao desenvolvimento de uma ciência complexa como a econômica tornam-se difundidos – difusão essa que esse trabalho visa, claramente, contribuir.

sobre a natureza do pluralismo na economia ainda parecem estar em um estágio inicial, com muitas questões importantes ainda não abordadas (DAVIS, 2007, p.1).

Os estudos dos autores supracitados foram apresentados com o objetivo de contextualizar o ideal pluralista, o objetivo dos movimentos acadêmicos apresentados na próxima seção bem como a necessidade de repensar o modo com que o ensino e a pesquisa em Economia têm sido encarados.

### 3. Movimentos por uma Economia pluralista

Foram criados nas últimas décadas uma série de movimentos que constituem tentativas estruturadas em defesa do pluralismo das abordagens em economia, pré-condição para que seja levada à sério a proposta de desenvolver teorias com maior aderência à realidade, bem como para recuperar o caráter social da Economia. Entra, portanto, no escopo destes movimentos propor espaços para os debates marginalizados pela ortodoxia, permitindo a proliferação de teorias novas e a defesa das existentes. Parte-se de que não há critérios universalmente aceitos para que uma teoria seja julgada como correta em detrimento das outras, de forma que se abre espaço para a coexistência de múltiplas teorias, cada qual lançando o seu feixe de luz possível na realidade (o mesmo se aplica aos diferentes métodos). À luz da proposta pluralista, o dogmatismo cederia espaço ao diálogo e às críticas, capazes de impulsionar o desenvolvimento da ciência; este é o ponto comum entre os movimentos acadêmicos que serão tratados nas subseções seguintes.

A oposição ao avanço do dogmatismo do pensamento único em economia não se limita ao plano das ideias, nem começou recentemente. Ao longo das últimas décadas, diversas organizações foram criadas visando se contrapor ao avanço desenfreado das perspectivas ortodoxas. Já nos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos foram criadas associações de economistas vinculados a correntes que estavam sendo excluídas pelo *mainstream*, como os institucionalistas da AFEE (*Association for an Evolutionary Economics*) e da AFIT (*Association for Institutional Thought*) e os radicais/marxistas da URPE (*Union for Radical Political Economics*), bem como de pesquisadores de áreas que iam sendo crescentemente marginalizadas, como a História do Pensamento Econômico (*History of Economics Society – HES*). Uma situação semelhante levou nos anos 1990 à criação na Europa da AHE (*Association for Heterodox Economics*) e da ESHET (*European Society for the History of Economic Thought*). No Brasil nesses mesmos anos, e impulsionadas por motivos semelhantes, foram criadas a SEP (Sociedade Brasileira de Economia Política) e a ABPHE (Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica). Essa relação incompleta, de fins ilustrativos, mostra um tipo de reação mais do que compreensível de defesa de perspectivas e/ou áreas que iam sendo cada vez mais excluídas do debate (e do acesso às posições na academia, a fundos para pesquisa, etc.).

Outro tipo de reação, que complementa as mencionadas acima, foi o surgimento de organizações claramente vinculadas à promoção do pluralismo em Economia. O restante desta seção destina-se a estudar alguns desses movimentos. Os autores os escolheram com base na sua representatividade bem como pela facilidade de acesso às informações necessárias.

### 3.1. International Confederation of Associations for Pluralism in Economics (ICAPE).

A ICAPE é uma confederação de associações cujo intuito é a promover o pluralismo em Economia. Originalmente tinha sido fundada com o nome de *International Confederation of Associations for the Reform of Economics* (ICARE); a mudança de nome sinalizou que, mais do que substituir o *mainstream*, seu objetivo seria a promoção do debate pluralista. Destaque-se que esta foi uma posição ética unilateral: as associações que integram a ICAPE basicamente são heterodoxas, e a mudança no nome e (talvez) no espírito, passando da promoção da reforma para a defesa do pluralismo, não se traduziu na incorporação à associação de qualquer grupo de posturas ortodoxas.

Sua constituição derivou-se da insatisfação generalizada, perceptível a nível mundial, com as tendências do pós-guerra sobre o que se passava no ensino e pesquisa de Economia. Sua consolidação, em meados da década de 1990, foi consequência do espaço ocupado por uma grande força: a ascensão do que hoje se entende como *mainstream* em Economia, conceito muito utilizado para associar tanto a Economia neoclássica como a ortodoxia em Economia, considerando todos como sinônimos<sup>13</sup>.

A principal influência, notável a partir desse movimento, é a completa marginalização – para não assumir uma exclusão total – de tudo o que não segue os pressupostos do *mainstream*<sup>14</sup>. Isso se apresenta, inclusive, pela possibilidade de publicação em boas revistas e jornais, como elencou Serrano (2018), em tom irônico e crítico, ao apresentar a obsessão dos economistas e pesquisadores da área em publicar os estudos deles em cinco *journals*, o que o autor denominou como “TOP5ITIS”.

---

<sup>13</sup> A expansão teórica do *mainstream* nesses momentos teve, por um lado, uma faceta interna à economia, na qual alguns temas anteriormente ignorados por este passaram a serem parcialmente incorporados, dentro dos limites permitidos, processo muito bem descrito por Possas (1997). Por outro lado, o *mainstream* se propôs reconstruir as outras ciências sociais à sua imagem e semelhança, processo que foi pioneiramente estudado por Harcourt (1982).

<sup>14</sup> Definir o que exatamente seria o *mainstream* é algo muito polêmico. Há diversos aspectos que, embora majoritariamente presentes nas análises desses economistas, são modificados por outros que também trabalham dentro dessa visão de mundo (o que se conhece por “relaxar as hipóteses”). Apesar disso, diversos autores se propuseram então caracterizar quais seriam os pontos inegociáveis que caracterizam o *mainstream*, seu *hard-core* lakatosiano, por assim dizer. Colander, Holt & Rosser (2004) afirmam que o núcleo tradicional está formado pela “santíssima trindade” de racionalidade, egoísmo e equilíbrio mas, segundo eles, esses critérios estariam sendo substituídos por outros na pesquisa mais recente: conduta proposital, auto-interesse esclarecido e sustentabilidade. Uma visão menos generosa quanto a essas mudanças foi proposta por Arnsperger & Varoufakis (2006). Eles consideram que o núcleo do que eles ainda denominam como “economia neoclássica” parte de três axiomas: individualismo metodológico, instrumentalismo metodológico, e um terceiro, um neologismo que poderia ser traduzido como “equilibrismo metodológico”.

Robinson(1980, p.2) afirma que esse dogma, permanente no ensino e pesquisa em Economia, tem funcionalismo associado ao seu caráter interno (dentro dos departamentos): “Qualquer economista com esperanças sérias de obter um cargo permanente em um desses departamentos logo será informado sobre os critérios pelos quais ele deve ser julgado...”.A visão apresentada por Robinson (1980), de como os departamentos se organizam, está implícita nos argumentos para a criação da ICARE – e depois ICAPE –, uma crítica à teoria neoclássica, que vai além dos seus pressupostos,:

Liderada pelos desenvolvimentos nos Estados Unidos, a economia tornou-se cada vez mais dominada pelo mainstream neoclássico tradicional, ao ponto em que é difícil identificar mais do que um punhado de programas de pós-graduação que não seguem o cânone ortodoxo. Praticamente todos os departamentos se tornaram controlados por defensores de uma visão única do que é a economia e como ela deve ser praticada. A extensão involuta da teoria dos mercados, freqüentemente por meio da aplicação de técnicas matemáticas abstrusas, tornou-se a condição sine qua non da profissão. A prova arcana recebe aplausos mais fortes do que o propósito social (ICAPE, 2018)<sup>15</sup>.

Nota-se que o incentivo mais forte para a criação da associação tem suas bases na crítica à teoria neoclássica, especialmente pela forma como essa se apresenta: um tanto quanto irrealista, com pressupostos reducionistas e duros, partindo do ideal de transformação da Economia em uma ciência objetiva e formalizada, tal qual se passa com a física ou, em outras palavras: uma *hard Science*..

Uma segunda razão para a criação da ICAPE relaciona-se à urgência em promover a interação entre os pesquisadores de linhas de pesquisa marginalizadas pela ortodoxia. Dada a dificuldade em promover o debate e realizar publicações, considerou-se importante fornecer um espaço em que a pluralidade de ideias e métodos pudessem proliferar para o desenvolvimento de uma ciência econômica mais realista e aberta. Foi nesse contexto que ICARE tornou-se ICAPE – colocando em evidência a promoção do pluralismo:

A ICARE foi concebida como um meio de melhorar a comunicação entre esses grupos e seus membros e facilitar a coordenação. ICARE tornou-se ICAPE quando se decidiu promover a ideia do pluralismo de forma mais direta. Esse processo foi iniciado, mas ainda há muito a fazer (ICAPE, 2018)<sup>16</sup>.

Apesar de a entidade ter mais de 20 anos, ela esteve praticamente inativa entre 2007 e 2016. Contudo, a ICAPE voltou a promover atividades a partir deste último ano. Foram assim organizadas recentemente duas conferências. A primeira delas ocorreu em janeiro de 2017, em Chicago, com a temática central: *Can Pluralism Save Economics? Pluralistic Approaches to Teaching and Research in Economics*. A segunda ocorreu um ano mais tarde, em Philadelphia, com o tema geral *Pluralism*

---

<sup>15</sup> A íntegra está disponível em: <http://www.icape.org/History.html>. Acessado em 06/02/2018.

<sup>16</sup> A íntegra está disponível em: <http://www.icape.org/History.html>. Acessado em 06/02/2018.

*and Economics 10 Years after the Crisis (and 200 Years after Marx's Birth)*<sup>17</sup>. Estas atividades estimularam ainda mais o encontro e debate de profissionais que trabalham nos campos mais diversos da teoria econômica, enfatizando o debate sobre o pluralismo. Os documentos de constituição da Confederação explicitam os objetivos da formação desse grupo, enquanto subserviência às proposições pluralistas, em quatro pontos:

- i) Divulgar e ajudar a desenvolver uma multiplicidade de abordagens para a análise científica da atividade econômica;
- ii) Promover um novo espírito de pluralismo na Economia, envolvendo diálogo crítico e comunicação tolerante entre diferentes abordagens, dentro e entre as barreiras entre as disciplinas;
- iii) Promover mais pluralismo nas contribuições para revistas de Economia e na formação e contratação de economistas; e,
- iv) Coordenar as atividades dos economistas e associações econômicas que compartilham de um ou mais dos objetivos acima.<sup>18</sup>

No que se refere ao quarto ponto, a interação com associações que compartilham os anseios que levaram à criação da ICAPE, é importante ressaltar que há uma representação clara do que é o pluralismo em termos práticos, considerando a heterogeneidade dos grupos que fazem parte, tais como *Agent-Based Computational Economics (ACE)*, *Association for Heterodox Economics (AHE)*, *Association for Institutional Thought (AFIT)*, *Association for Social Economics (ASE)*, *Global Development and Environment Institute (G-DAE)*, *Home Rule Globally (HRG)*, *Institute for Institutional and Social Economics (IISO)*, *International Association for Feminist Economics (IAFFE)*, *International Economics and Philosophy Society (IEPS)*, *International Joseph A. Schumpeter Society (ISS)*, *International Network for Economic Method (INEM)*, *International Thorstein Veblen Association (ITVA)*, *Post-Keynesian Economics Study Group (PKESG)*, *Regional Economic and Social Development (RESD)*, *Rethinking Marxism (RM)*, *Society for the Advancement of Behavioral Economics (SABE)* e *Society of Political Economy (SEP)*<sup>19</sup>. Enfatizamos aqui que esta última instituição, brasileira, é a única associação da América Latina vinculada à ICAPE.

### **3.2. Institute for New Economic Thinking (INET).**

---

<sup>17</sup> As informações sobre ambos congressos estão disponíveis em [www.icafe.org](http://www.icafe.org), acesso em 06/02/2018.

<sup>18</sup> A íntegra do texto está disponível em: <http://www.icafe.org/index.html>. Acessado em 06/02/2018.

<sup>19</sup> Lista integral disponível em: <http://www.icafe.org/Associates.html>. Acessado em 06/02/2018.

O INET (*Institute for New Economic Thinking*) foi fundado em 2009 com o objetivo de fomentar pesquisas que não têm espaço dentro do *mainstream*. Para tanto, busca promover o diálogo crítico e a interação entre pesquisadores de áreas distintas, dispostos a encarar a ciência econômica e os problemas socioeconômicos envolvidos sob uma ótica diferenciada, buscando contemplar propostas de soluções alternativas aos problemas recorrentes, tanto dentro da teoria econômica quanto em relação à sua aplicabilidade e seu papel enquanto ciência social aplicada. Trata-se ainda de um grupo sólido em formato de uma instituição apartidária e sem fins lucrativos, reconhecido no ambiente acadêmico por promover ações de amparo ao desenvolvimento de ideias dos pesquisadores e grupos marginalizados.

Sua fundação, em 2009, tinha como objetivo central construir uma comunidade a nível global, capaz de angariar milhares de pesquisadores em Economia adeptos às abordagens inovadoras, contribuindo por meio de benefícios e pela formação de redes de pesquisa, bem como mediante a formação de parcerias com universidades ao redor de todo o mundo, até mesmo para a concessão de bolsas para estudos de pós-graduação. Eventos de grande porte também são parte do escopo do instituto, para que seja possível fortalecer os estudantes por meio de processos de formação interativos (como cursos e/ou grupos de pesquisa com reuniões online), sem custo algum ao público-alvo interessado.

A base do grupo é a multidisciplinaridade (INET, 2018), compreendendo o caráter social que a ciência econômica carrega, como destaca González Casanova (2006):

As demandas interdisciplinares foram responsáveis por novas formas de compreensão dos problemas e, em muitos casos, a interdisciplinaridade foi utilizada para estudar um problema específico, um período temporal, um fenômeno social e dessa forma ir para além do que uma única disciplina apresentava sobre o tema de estudo (GONZÁLEZ CASANOVA, 2006, p.22)

Para que essa relação com as outras ciências sociais seja preservada, o instituto afirma, também, que as noções de complexidade<sup>20</sup> e incerteza devem ser características centrais na compreensão de como a Economia se organiza na atualidade. A ideia de complexidade apresenta-se como contrária aos reducionismos propostos pela ortodoxia e a noção de incerteza, na mesma linha, é contrária ao axioma da ergodicidade<sup>21</sup>, amplamente aceito pela teoria neoclássica; essas reflexões

---

<sup>20</sup> Argumentos destacados nas discussões sobre economia e complexidade remetem a autores como Brian Arthur (1997) e Alan Kirman (2011).

<sup>21</sup> Goulart, Vasconcelos e Fernandez (2018) explicam que: o axioma da ergodicidade é uma forma de se extrair a incerteza absoluta da teoria econômica. Apesar disso, não é um modelo único de pensar a ciência. Basta lembrar que a questão da incerteza constitui um debate que remonta aos escritos de Knight (1921), o primeiro a diferenciar o risco (que é probabilisticamente calculável) de incerteza, que não é passível de mensuração. Na ciência econômica *mainstream*, esse tipo de incerteza foi substituído pela incerteza no sentido de Von Neuman-Morgenstern, que é de natureza ergódica, mensurável.

levam, também, ao questionamento da suposta racionalidade dos agentes econômicos, que agiriam de forma sempre previsível.

Esses pressupostos relacionam-se com diversas falhas decorrentes da adoção da teoria neoclássica como *mainstream* (INET, 2018), dificultando o acesso de outras abordagens teórico-metodológicas aos processos de produção e divulgação científicas de qualidade, o que acaba por contribuir para o dogmatismo que está instaurado tanto no ensino quanto na pesquisa em Economia, tanto pelos temas tratados, quanto pela postura assumida pelos pesquisadores. Com isso, o Instituto elenca quatro áreas em que concentra suas contribuições (essencialmente financeiras):

1. O relacionamento entre finanças e economia em geral
2. Desigualdade e distribuição
3. A economia da inovação
4. Meio ambiente e recursos sustentáveis<sup>22</sup>

A ideia do instituto surgiu de uma cúpula, em Bedford, Nova York, que contou com a presença do principal mantenedor do instituto, o famoso financista George Soros (doador), os economistas Robert Johnson e Roman Frydman, bem como outros 25 acadêmicos de economia, financistas e jornalistas especialistas em Economia com influência notável na temática sobre economia nos principais jornais de Nova York. O intuito do encontro era colocar em debate as possíveis maneiras de repensar a forma como o ensino e a pesquisa em Economia organizavam-se, especialmente pelas preocupações decorrentes da crise financeira e econômica, com epicentro temporal no ano anterior (2008). Foi deste debate que o instituto surgiu e sua criação foi formalizada, a partir da doação de 50 milhões de dólares do financista George Soros<sup>23</sup>.

Para que o pluralismo de ideias possa prevalecer, a organização estabeleceu um conselho consultivo com 40 pensadores e economistas destacados, seis deles vencedores do Prêmio Nobel de Economia. Em 2012 o INET garantiu uma posição ainda mais enriquecedora para os seus propósitos: em uma conferência realizada nesse ano em Berlim (com o objetivo de debater os problemas financeiros da zona do Euro) foram criadas as *Young Scholars Initiatives* (YSIs), comunidades organizadas visando a participação de pensadores econômicos do futuro, exatamente como o nome do Instituto sugere:

---

<sup>22</sup>A íntegra do texto está disponível em: <https://www.ineteconomics.org/about/our-purpose>. Acessado em 10/02/2018.

<sup>23</sup> O apoio de um dos maiores financistas do capitalismo especulativo à criação de uma associação deste tipo permite sugerir que, no mínimo na visão dele, as interpretações do mainstream são insuficientes para entender como funciona a economia, independentemente de se ter uma atitude crítica (ou não, no caso do Soros) em relação ao capitalismo.

A YSI promove a conversa entre colegas de mesma opinião e conecta jovens pesquisadores e estudantes à vasta rede de economistas do Instituto. O YSI fornece uma plataforma para possibilitar estudos no novo pensamento econômico, bem como um ambiente intelectual vivo e estimulante para colaborar em promover a compreensão da economia. O objetivo é que cada membro possa acompanhar suas curiosidades e encontrar recursos e apoio para suas atividades intelectuais específicas no esforço geral da comunidade. A YSI busca promover e apoiar iniciativas de jovens acadêmicos que desejam explorar novas abordagens e construir comunidades em torno do novo pensamento econômico.<sup>24</sup>

Entende-se o papel fundamental do engajamento dos novos pesquisadores em Economia em movimentos como este, buscando que as discussões fomentem questionamentos sobre o ensino que lhes é, em geral, ofertado (de características dogmáticas, em total acordo com o *mainstream*, acrítico e instrumental); espera-se, assim, que esses jovens pesquisadores, que poderão integrar a nova geração de docentes em Economia, busquem agir em acordo com as premissas pluralistas, realizando suas pesquisas e estimulando seus futuros alunos à exposição às mais diversas correntes teóricas. Isso coincide com o proposto por Andy Denis “O pluralismo assertivo requer o engajamento mútuo de diferentes escolas de pensamento. Nessa abordagem, entende-se como uma parte necessária do ensino de graduação em Economia que os alunos sejam expostos a paradigmas concorrentes” (DENIS, 2013, p. 93).

A YSI promove e organiza grupos de trabalho, considerados como o carro-chefe do instituto. Os grupos promovem a junção de jovens estudiosos de temáticas específicas e das mais diferentes vertentes teóricas por meio de seminários *online*, *workshops* e uma série de eventos, por vezes *online* e outras presencialmente, sendo que, em muitos casos, com apoio financeiro do INET para as despesas decorrentes dos encontros presenciais (passagens aéreas, hospedagem, etc.). A iniciativa possibilita, assim, que haja maior contribuição mútua entre pesquisadores para os quais a distância seria um fator complicador. Os grupos paulatinamente aumentaram bastante em número e em amplitude. Em julho de 2016 eram 7 grupos, mas em março de 2018 esse número cresceu para 21, cujos temas são: Africa, Behavior and Society, Complexity Economics, Cooperatives and Cooperation, East Asia, Economic Development, Economic History, Economics of Innovation, Finance, Law, and Economics, Financial Stability, Gender and Economics, History of Economic Thought, Inequality, Keynesian Economics, Latin America, Philosophy of Economics, Political Economy of Europe, South Asia, States and Markets, Sustainability e Urban and Regional Economics.

---

<sup>24</sup>Reprodução integral do texto disponível em: <https://www.ineteconomics.org/community/young-scholars/about>. Acessado em 10/02/2018.



Participam do instituto, com diferentes graus de relacionamento, alguns nomes bastante conhecidos na Economia a nível mundial. O *governing board* da entidade conta com doze membros, a maioria vinculados ao setor privado exceto John Powell, professor de direito e questões raciais em Berkeley. O conselho acadêmico conta com quatro prestigiosos pesquisadores vinculados a universidades respeitadas: Steve Fazzari (Washington University), Roman Frydman (NYU), Axel Leijonhufvud (UCLA) e Dennis Snower (Universidade de Kiel). A série de *working papers* do instituto tem uma longa relação de nomes, e fazendo uma seleção numa lista que talvez dependa muito de nossas preferências e/ou conhecimentos pessoais, podemos destacar os professores Paul Davidson, Joseph Halevi, Marc Lavoie, William Lazonick, Mark Setterfield e Peter Temin no meio de muitos pesquisadores reconhecidos. Por sua vez, Joseph Stiglitz e Michael Spence, dois pesquisadores que ganharam o chamado “Prêmio Nobel em Economia”, encabeçam o Comitê sobre Transformação Econômica Global. Em muitas ocasiões os eventos organizados tanto pelo INET quanto pela YSI contam com a presença de especialistas, possibilitando e favorecendo a interação entre os pesquisadores jovens e sênior.

O INET apoia e promove eventos cujo reconhecimento é confirmado pelo histórico e qualidade tais como dos participantes, como a *Summer School* da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), e também organiza uma série de encontros, conferências e workshops, em sua maioria com submissão de artigos científicos, mais uma vez, estimulando os jovens pesquisadores, preservando a lógica de promoção de assuntos marginalizados pela ortodoxia. Em 2016, por exemplo, dois eventos de grande porte foram realizados nesses moldes: *Law & Economic Policy Conference*, na Índia e *YSI Plenary: Piecing together a Paradigm*, em Budapeste. Em 2017 diversos eventos foram organizados e/ou assistidos pelo INET como a participação do Instituto na Escola de Verão da Associação Latino-Americana de História do Pensamento Econômico e o Workshop sobre Métodos na História do Pensamento Econômico, que ocorreu em maio deste ano, na Bélgica. Também há vários eventos programados para 2018.

Após uma análise da constituição e ideal do INET, consideramos clara a relação entre o Instituto e as propostas pelo pluralismo das abordagens em Economia.

### **3.3 - Post-Autistic Economics e World Economics Association**

O movimento que levou à criação da *World Economics Association*, talvez a principal entidade promotora do pluralismo em Economia na atualidade, foi deflagrado por um manifesto de um grupo de estudantes franceses de ciências econômicas no ano 2000. Estes estudantes exigiam o fim do monopólio da perspectiva *mainstream* no ensino, e qualificavam a visão dominante como

“autista”, por entender que não estava vinculada com a realidade, e em consequência exigiam uma nova perspectiva, à qual eles denominaram como “Economia Pós-Autista”.

A primeira reação ao deparar-se com o termo “Economia Pós-Autista” geralmente é o estranhamento com a relação entre autismo e Economia, mas esse vínculo está na base do movimento. Um trecho da carta que impulsionou o manifesto feito por estudantes franceses no ano 2000 dizia: “Nós não queremos mais essa ciência autista que nos é imposta!”<sup>25</sup> A mesma petição denunciava “uma esquizofrenia total” criada pelos modelos que “tem a si mesmos como fim” e acabam deixando a Economia de fora da realidade, forçando-os a um estado de autismo.”<sup>26</sup>. Ao fim da primeira carta, os estudantes complementam dizendo que “eles não pedem pelo impossível, mas apenas que o bom senso prevaleça. Nós esperamos ser ouvidos muito em breve.”<sup>27</sup>

A explicação dos estudantes envolvidos sobre a expressão utilizada apresenta-se como uma tentativa de resumir o sentimento daquele momento, criticando o descolamento total da Economia frente à realidade factual. Vale mencionar que o nome oficial do movimento é e sempre foi “Movimento Estudantil para a Reforma do Ensino de Economia”; contudo, o nome propagado e reconhecido mundialmente como símbolo dos anseios é “Movimento por uma Economia Pós-Autista”, devido ao apelo midiático voltado à manifestação estudantil que tomou como base a frase explícita anteriormente.<sup>28</sup>

A carta aberta<sup>29</sup> dos estudantes franceses começou a circular em meados de junho de 2000. Apesar de o lançamento ter acontecido em um contexto não muito propício, dado que a maioria dos alunos já estavam em férias, o manifesto recolheu cerca de mil assinaturas em poucos dias. A expressão desse resultado foi considerada como muito positiva. Essa resposta confirmou o que era uma hipótese no momento da confecção da carta: as preocupações eram extensivamente compartilhadas pelos estudantes, e que todo o trabalho desenvolvido naquele momento prévio foi imprescindível posto que contribuiu para confirmar que o descontentamento, que até então parecia singular, era, na verdade, generalizado e estendido a outros grandes centros, que compartilhavam uma

---

<sup>25</sup>Este extrato foi retirado de:<<http://www.paecon.net/PAERReview/wholeissues/issue2.htm>>. Acesso em 01/03/18.

<sup>26</sup>Este extrato foi retirado de:<<http://www.paecon.net/PAERReview/wholeissues/issue1.htm>>. Acesso em 01/03/18.

<sup>27</sup>Este extrato foi retirado de:<<http://www.paecon.net/PAERReview/wholeissues/issue2.htm>>. Acesso em 01/03/18..

<sup>28</sup>Os proponentes do movimento entenderam posteriormente que o termo “economia pós-autista” é problemático e que promove uma associação desnecessária e até mesmo desrespeitosa com a doença e, após a carta inicial, fizeram grandes esforços para desvincular o movimento da doença e por isso os documentos daquela época e o próprio site se apresentam como PAECON e não mais como *Post Autistic Economics*. A formação de uma associação mais ampla e abrangente, *World Economics Association*, também se esforçou para desvincular o nome veiculado entre os jornalistas. Para uma discussão de alguns problemas éticos envolvidos na caracterização da economia atual como autista veja-se Mohn (2010).

<sup>29</sup> A carta original pode ser acessada em : <http://www.paecon.net/PAERReview/wholeissues/issue2.htm>

realidade semelhante. Por conta disso, outras universidades do mundo todo tomaram conhecimento do que se passava na França e propuseram-se a mesma reflexão.

O movimento dos estudantes já do início manifestou a preocupação de ir além das fronteiras francesas. Um dos primeiros ecos conseguido pelo movimento dos estudantes franceses foi uma manifestação de um grupo de estudantes da tradicional universidade inglesa de Cambridge. O grupo, denominado Cambridge 27, lançou em 2001 um manifesto denominado “Abrindo a Economia”, no qual deixam clara sua defesa do pluralismo:

Nós não nos manifestamos contra a abordagem do mainstream em si, mas contra o fato de que seu domínio é dado por certo, na profissão. Não nos opomos aos métodos do mainstream, mas acreditamos numa pluralidade de métodos e abordagens justificados pelo debate. O pluralismo como norma implica que trabalhos alternativos em economia não são apenas tolerados, senão que as condições sociais e materiais para que eles floresçam estejam dadas, na mesma medida em que isso ocorre hoje em dia com a economia mainstream. Isto é o que queremos significar quando nos referimos a uma abertura da economia. (THE CAMBRIDGE 27, 2001).

Em março de 2003, alguns estudantes de Harvard também lançaram sua própria petição, exigindo do seu departamento um curso introdutório a ser lecionado pelo professor Stephen Marglin, que permitiria que “melhorar o equilíbrio e a cobertura por meio de um espectro mais amplo de pontos de vista e que vá além de ensinar aos alunos os modos aceitos de pensar, mas que também os desafie a pensar de forma crítica e profunda sobre as verdades convencionais” (THE HARVARD STUDENT PETITION, 2003).

No âmbito nacional, é importante ressaltar que os estudantes do curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo, referência nacional, acompanharam a tendência mundial tal que, no ano de 2001, um jornal chamado “Informação Assimétrica<sup>30</sup>” foi lançado em meio digital, e, também, de forma impressa; a edição número zero foi lançada em 11 de setembro daquele ano. Os estudantes de Economia da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP) clamavam pelos mesmos anseios dos estudantes de todo o mundo: “Afinal, que tipo de ciência é essa que se constrói pelo ensino de modelos mastigados num didatismo que acaba por cristalizar o conhecimento numa materialidade atemporal e estéril?” (INFORMAÇÃO ASSIMÉTRICA, 2001).

Neste contexto criado pela reivindicação dos estudantes franceses surgiu a *Post-Autistic Economic Newsletter*, um *journal* organizado por alguns pesquisadores favoráveis ao movimento. O

---

<sup>30</sup> Em meio digital, o jornal esteve disponível no link [www.infoassimetrica.hpg.com.br](http://www.infoassimetrica.hpg.com.br). Todavia, para esta pesquisa, consultamos o material impresso, gentilmente disponibilizado para nós pela Professora Ana Maria Bianchi, a quem agradecemos.

*journal* era disponibilizado em formato digital e tinha duas funções principais: relatar, quase que em tempo real, os acontecimentos decorrentes da onda em favor do pluralismo ao redor do mundo, tratando o assunto desde uma perspectiva acadêmica. O primeiro número foi lançado em 09 de setembro de 2000. O nome escolhido para a publicação evidenciava a constante busca por reconexão entre ensino e a realidade e informava os acontecimentos em favor desta busca; divulgou assim o manifesto dos estudantes franceses, a petição feita pelos professores, e o processo de formação do movimento como um todo. O primeiro volume não indicava nenhum responsável pela publicação, mas a partir do seguinte, lançado um mês depois, já indicava como editor o professor Edward Fullbrook, figura crucial no movimento até hoje.<sup>31</sup> A mencionada preocupação em se internacionalizar se evidencia na indicação de correspondentes internacionais em vários países, inclusive no Brasil.<sup>32</sup> Foi assim constituída uma rede do movimento por uma *Post-Autistic Economics* (PAECON) existente até hoje.

Entre os volumes 1 a 9, até 20 de outubro de 2001, o nome inicial foi mantido. A partir do volume 10 a denominação passou a ser *Post-Autistic Economics Review*, a qual começou a publicar crescentemente conteúdo de caráter mais acadêmico; dessa maneira pouco a pouco foi mudando a estrutura, deixando de ser um boletim para se transformar em um periódico mais tradicional. Esse nome permaneceu até o volume 44, publicado em 09/12/2007. A partir do número 45, de 15/03/2008, até o número 81, publicado no último semestre de 2017, foi adotado o nome “*Real-World Economics Review*” (RWER), do qual foram publicados geralmente quatro volumes por ano a partir de 2006.

O sucesso da publicação permitiu constituir uma importante rede internacional. Os assinantes da revista passaram de pouco mais de 5.600 (primeira informação disponível) em 2003 a mais de 11.000 em 2010 (GOULART, 2018, p.149-50). Dessa maneira, a sequência de movimentos iniciados por meio do manifesto dos estudantes franceses levou à criação da *World Economics Association* (WEA), em 2011, cujo principal ideal consistia em reunir os que pensam de forma similar estimulando debates e a promoção do pluralismo das abordagens em Economia<sup>33</sup>:

A Associação Mundial de Economia (WEA) foi lançada em 16 de maio de 2011. Preenche uma lacuna na comunidade internacional de economistas - a ausência de uma associação verdadeiramente internacional, inclusiva, pluralista e profissional. A Associação Econômica Americana e a Sociedade Econômica Real do Reino Unido fornecem amplas associações principalmente para os economistas de seu país. A WEA fará o mesmo com a comunidade

---

<sup>31</sup> O professor Fullbrook está listado como um dos seis iniciadores da *World Economics Association* (informação disponível em <https://www.worldeconomicsassociation.org/wea/founding-members/>), e também é um dos onze membros atuais do Comitê Executivo da associação (<https://www.worldeconomicsassociation.org/wea/executive-committee/>). Ambas informações acessadas em 01/03/18.

<sup>32</sup> O correspondente no Brasil era Wagner Leal Arienti, professor do Departamento de Economia da UFSC.

<sup>33</sup> Para mais detalhes, ver: <https://www.worldeconomicsassociation.org/wea/manifesto/>

mundial de economistas, ao mesmo tempo em que promoverá um pluralismo de abordagens à análise econômica.<sup>34</sup>

A WEA foi criada em torno a uma série de princípios condensados no manifesto da entidade. Destaca-se nele que a entidade manifesta ter oito compromissos: 1) com a pluralidade; 2) com a competência; 3) com a realidade e com a relevância das análises; 4) com a diversidade; 5) com a abertura na participação; 6) com o alcance (para além da economia); 7) com os padrões éticos; 8) com a democracia global.<sup>35</sup>

Atualmente, a WEA mantém três periódicos para incentivar as publicações relevantes aos objetivos supracitados. Além da mencionada *Real-World Economics Review*, a associação lançou outras duas publicações, a *Economic Thought* e a *World Social and Economic Review*. A primeira destas duas publicações se especializa nas áreas de história do pensamento, filosofia e metodologia, enquanto que a segunda publica quaisquer assuntos pesquisados com quaisquer métodos e dentro de qualquer paradigma, exceto os reservados para a anterior. Também apareceu em 2011 um novo boletim, *WEA Commentaries*, cujo último número até o momento foi lançado no início de 2018. A sociedade mantém um ativo blog, o *Real World Economics Review Blog*, com mais de 16.900 assinantes. São listados como contribuidores regulares do blog Merijn Knibbe, Lars Syll, Dean Baker, Mark Weisbrot, Maria Alejandra Madi, Asad Zaman, David Ruccio, Peter Radford e Norbert Häring.

Estão disponíveis no site da associação informações que contam como o movimento se configurou, assim como artigos recentes que retomam a temática e possibilitam um olhar alheio aos dogmas do *mainstream*. Os temas tratados referem-se a questões como economia sustentável, desigualdades sociais, os custos do crescimento econômico, crises econômicas e financeiras, pluralismo de teorias e de métodos, etc. Isso demonstra que a WEA se apresenta como um universo aberto às questões esquecidas pela ortodoxia da Ciência Econômica.

Há, também, um espaço para subscrição de membros, que recebem os informes e artigos via e-mail. De acordo com a própria associação, ela conta, atualmente, com mais de 14.000 inscritos nesta opção; além disso, a RWER atingiu a marca de mais de 26.000 assinantes no último número publicado. A WEA disponibiliza, ainda, uma coletânea de *e-books* confeccionados, com base nos artigos ali dispostos e com textos inéditos, para compra e leitura online<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup>A íntegra está disponível em: <<http://www.worldeconomicsassociation.org/wea/general-information/>>. Acesso em 01/03/2018

<sup>35</sup><https://www.worldeconomicsassociation.org/wea/manifesto/> acesso em 01/03/18.

<sup>36</sup> As referências não indicadas explicitamente podem ser encontradas no site da associação, <https://www.worldeconomicsassociation.org/wea/general-information/>, acesso em 01/03/18.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de desenvolver uma Economia que permita explicar a realidade em forma aceitável não pode ser apenas uma discussão sobre ‘qual teoria é a melhor’. Deveria partir de perguntas como “qual teoria melhor se relaciona a este problema em específico?”, ou “o que diferentes teorias dizem a respeito deste assunto?”. Isto levaria a considerar o pluralismo teórico-metodológico como uma forma de promover o avanço científico. Mas o pluralismo das abordagens em Economia não exigiria abrir mão da racionalidade na ciência.

Nossa reflexão partiu da conceituação dos termos pluralidade e pluralismo. A pluralidade é um conceito descritivo, enquanto que o pluralismo é normativo e define-se como postura necessária aos economistas. Todavia, enfatizamos a impossibilidade de aceitar uma teoria particular como sendo verdadeira (ou correspondente à verdade) de forma garantida. Os problemas lógicos envolvidos ao considerar o falibilismo confirmam que não há como validar uma teoria com esse nível de assertividade. Destacamos a necessidade de aprimorar (ou reestabelecer) o relacionamento entre a Economia e as outras ciências sociais, bem como manifestamos o anseio de que a ortodoxia ceda espaço às correntes marginalizadas, acabando com o dogmatismo inerente ao *mainstream* em Economia promovendo a defesa do pluralismo das abordagens em Economia.

Esse artigo apresentou e discutiu alguns pontos positivos do pluralismo, entre eles sua vantagem enquanto postura ética, dado que isso permitiria uma maior liberdade de escolha aos estudantes, por meio da apresentação de correntes variadas, incentivando o debate crítico e analítico. Com o objetivo de estimular o pluralismo, para além dos debates teóricos e metodológicos, alguns movimentos foram desenvolvidos com o propósito de dar espaço aos pesquisadores de áreas marginalizadas frente ao dogmatismo instaurado pelo *mainstream* em Economia, estimulando o debate crítico e a construção de uma postura ética capaz de aceitar a convivência de diferentes abordagens como algo positivo e enriquecedor para a Ciência Econômica.

O ICAPE, o INET e, sobretudo, a WEA são instituições representativas dos propósitos defendidos pelos proponentes e defensores do pluralismo das abordagens em Economia, tal que construíram espaços de diálogo e convivência para publicação e encontro de pesquisadores que divergem da visão convencional, promovendo o desenvolvimento de suas pesquisas científicas, o que extrapola para o que é ensinado/aprendido nos cursos de Economia. Conforme anunciado na introdução, o grande ponto de convergência desses movimentos consiste, justamente, na importância que é dada ao pluralismo das abordagens, para além do discurso teórico. Esses movimentos, de fato, contribuem para a análise crítica e o debate entre os economistas de correntes de pensamento diferentes, tanto pela promoção de eventos quanto pelas publicações. É notável, também, o pluralismo

como uma postura ética que além de se propor ao debate com outras correntes do pensamento, está presente na composição de diretorias heterogêneas, respeitando a diversidade da Ciência Econômica tal qual a complexidade que disso decorre.

## REFERÊNCIAS

- ARNSPERGER, C & VAROUFAKIS, Y. What is Neoclassical Economics? **Post Autistic Economics Review**, 38, 2006, p. 2-12.
- ARTHUR, W.B., S. DURLAUF, D. LANE, eds. **The Economy as an Evolving Complex System II**, Reading, MA:Addison-Wesley., 1997.
- BIANCHI, A. M. Muitos métodos é o método: a respeito do pluralismo. **Revista de Economia Política**, v. 12, n. 2 (46), 1992.
- BIANCHI, A. M. Reflexões sobre o Passado e especulações sobre o Futuro da Metodologia Econômica, **Economia**, v. 11, n. 4, p. 01-13, dezembro/ 2010.
- BLAUG, M. **Metodologia da Economia ou como os Economistas Explicam**. São Paulo: Edusp, 1993.
- BORBA, E. **O Pluralismo Enquanto Alternativa ao Monismo Metodológico na Economia**. Monografia (graduação em Economia na Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://cnm.ufsc.br/files/2014/01/Monografia-do-eduardo-de-Borba.pdf>. Acessado em 12 de junho de 2017.
- CALDWELL, B. **Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century**. London: George Allen & Unwin, 1982
- COLANDER, D. The death of Neoclassical economics. **Journal of the History of Economic Thought**, 22, 2000, pp. 127-143.
- COLANDER, D.; HOLT, R.& ROSSER JR., B. The Changing Face of Mainstream Economics. **Review of Political Economy**, 16, 4, 2004, pp 485-499.
- DAVIS, J. B. Why is economics not yet a pluralistic science? **Post-autistic economics review**. v. 43, p.41-51, 2007.
- DAVIS, J. B. The turn in recent economics and the return of orthodoxy. **Cambridge Journal of Economics**, v. 48, p. 349–366, 2008.
- DENIS, A. Pluralism in economics education. In J. JESPERSEN & M.O. MADSEN (eds.) **Teaching Post Keynesian Economics**. Aldershot: Edward Elgar, 2013, pp.88-105.
- DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 2, 2007, p.279-302,
- DOBUSCH, L.; KAPELLER, J. Heterodox United vs. Mainstream City? Sketching a framework for interested pluralism in economics.” **Journal of Economic Issues**, 46, 4, 2012, pp. 1035-1057.

DOW, S. Heterodox Economics: A Common Challenge to Mainstream Economics? In: **Macroeconomics and Macroeconomic Policies: Alternatives to the Orthodoxy' Conference**, Berlin, 28-9 Setembro, 2005. Disponível em: <[http://www.boeckler.de/pdf/v\\_2005\\_10\\_28\\_dow.pdf](http://www.boeckler.de/pdf/v_2005_10_28_dow.pdf)> Acesso em: 13/06/2016 Acesso em 05/07/2016

DOW, S. Reorienting Economics: Some Epistemological Issues. **Journal of Economic Methodology**, 11 (3), 2004, 307-12.

DOW, S. C. Structured Pluralism. **Journal of Economic Methodology**, 11 (3), 2004, pp. 275-90

FERNÁNDEZ, R.G. A metodologia como argumento a favor de uma economia pluralista. In: J. GUILHOTO, P. G. DUARTE & S. SILBER (Orgs.). **O Brasil e a ciência econômica em debate - Volume 2 - O estado da arte em economia**. São Paulo: Saraiva, p. 137-152, 2011.

FULLBROK, E. **The crisis in economics**. Kentucky: Routledge, 2003.

FULLBROK, E. **Pluralist Economics**. Kentucky: Routledge, 2008.

GONZÁLEZ CASANOVA, P. **As Novas Ciências e as Humanidades: da Academia à Política**. SP: Boitempo, 2006.

GOULART, M. **Contribuições dos Movimentos Acadêmicos por uma Economia Pluralista**. Dissertação de Mestrado (Ciências Humanas e Sociais), UFABC, 2018.

GOULART, M., VASCONCELOS, D. S., FERNANDEZ, R.G. Mais Pluralismo: considerações sobre a relevância do manifesto por uma economia pós-autista. **Nova Economia**, 2018 (no prelo).

GRÜN, R. Crise Financeira 2.0: Controlar a Narrativa & Controlar a Desfecho. **DADOS–Revista de Ciências Sociais**, 54 (3), 2011, pp.307-354.

HARCOURT, G.C. **The Social Sciences Imperialists**. London & Boston: Routledge & Keegan Paul, 1982

HELCOME, R. G. Pluralism and heterodoxy in economic methodology. **Review of Austrian Economics** 24, 2011, pp .57–65.

**INFORMAÇÃO ASSIMÉTRICA**. USP, número 1, ano 1, 11/09/2001.

**INTERNATIONAL CONFEDERATION OF ASSOCIATIONS FOR PLURALISM IN ECONOMICS (ICAPE)**. Disponível em: <http://www.icafe.org/>. Acesso em 10/02/2018

**INSTITUTE FOR NEW ECONOMIC THINKING (INET)**. Disponível em <https://www.ineteconomics.org/>. Acesso em 05/02/2018

KEYNES, J. N. **The Scope and Method of Political Economy**, Nova York: University Press, 4a. Ed., 1917.

KIRMAN, A., **Complex Economics**, 3ª Ed., New York, Routledge, 2011.

LEIJONHUFVUD, A. Life among the Econ. **Western Economic Journal** 11(3), 1973, pp. 327-37.



MÄKI, U. The one world and the many theories. In SALANTI, A.; SCREPANTI, E. (Eds.) **Pluralism in Economics: new perspectives in history and methodology**. Cheltenham: Edward Elgar, 1997;

MARIN, S. R. A análise situacional de Karl Popper: alguma analogia com a lógica da situação na economia? **Economia e Sociedade**, 17, 2, 2008, pp. 81-102.

MARIN, S. R. e FERNÁNDEZ, R. G. O pensamento de Karl Popper: as diferentes interpretações dos metodólogos da ciência econômica. **Análise Econômica**, 22, 41, 2004.

MC CLOSKEY, D. N. Three Books of Oomph. **Eastern Economic Journal**, v. 27, n. 1, p. 115-118, 2001.

MOHN, K. Autism in Economics? A second opinion. **Forum for Social Economics**, 39 (2), 2010, p.191-208.

PAECON. Disponível em: <<https://www.paecon.net/>>. Acesso em: 01/03/2018.

POPPER, K. **A lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix 1974 [1934];

POPPER, K. **O Realismo e o Objetivo da Ciência: Pós-Escrito à Lógica da Descoberta Científica**. Lisboa: Dom Quixote. 1997 [1982];

POSSAS, M. A cheia do 'Mainstream': comentário sobre os rumos da ciência econômica. **Revista de Economia Contemporânea**, 1 (1), 1997, pp. 13-58.

ROBINSON, J. **What are the Questions and Other Essays - Further Contributions to Modern Economics**. Oxford: Basil Blackwell, 1980

SCARANO, E. R. **Los debates teóricos em economía: el pluralismo de Sheila Dow**, 2005

SCHORN R., FALKENBACH, E. M. Falibilismo: crítica e coerência linguística. **Thaumazein**, 3, 5, pp. 32-46, 2010

SEN, Amartya. **Sobre Ética e Economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEN, Amartya. Economic Methodology: Heterogeneity and Relevance. **Social Research**, 71 (3): 583-614, 2004.

SERRANO, R. **TOP5ITIS**. Working Paper disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3103083>, 2018. Acessado em 20 de fevereiro de 2018.

THE CAMBRIDGE 27. Opening Up Economics. **Post-autistic Economics Newsletter**, 7, July, 2001, article 1. Disponível em [http://www.btinternet.com/~pae\\_news/review/issue7.htm](http://www.btinternet.com/~pae_news/review/issue7.htm).

THE HARVARD STUDENT PETITION. **Post-autistic Economics Newsletter**, 19, April, 2003. Disponível em [http://www.btinternet.com/~pae\\_news/review/issue19.htm](http://www.btinternet.com/~pae_news/review/issue19.htm)

**WORLD ECONOMICS ASSOCIATION (WEA)**. Disponível em: <https://www.worldeconomicsassociation.org/>. Acesso em 08/03/2018